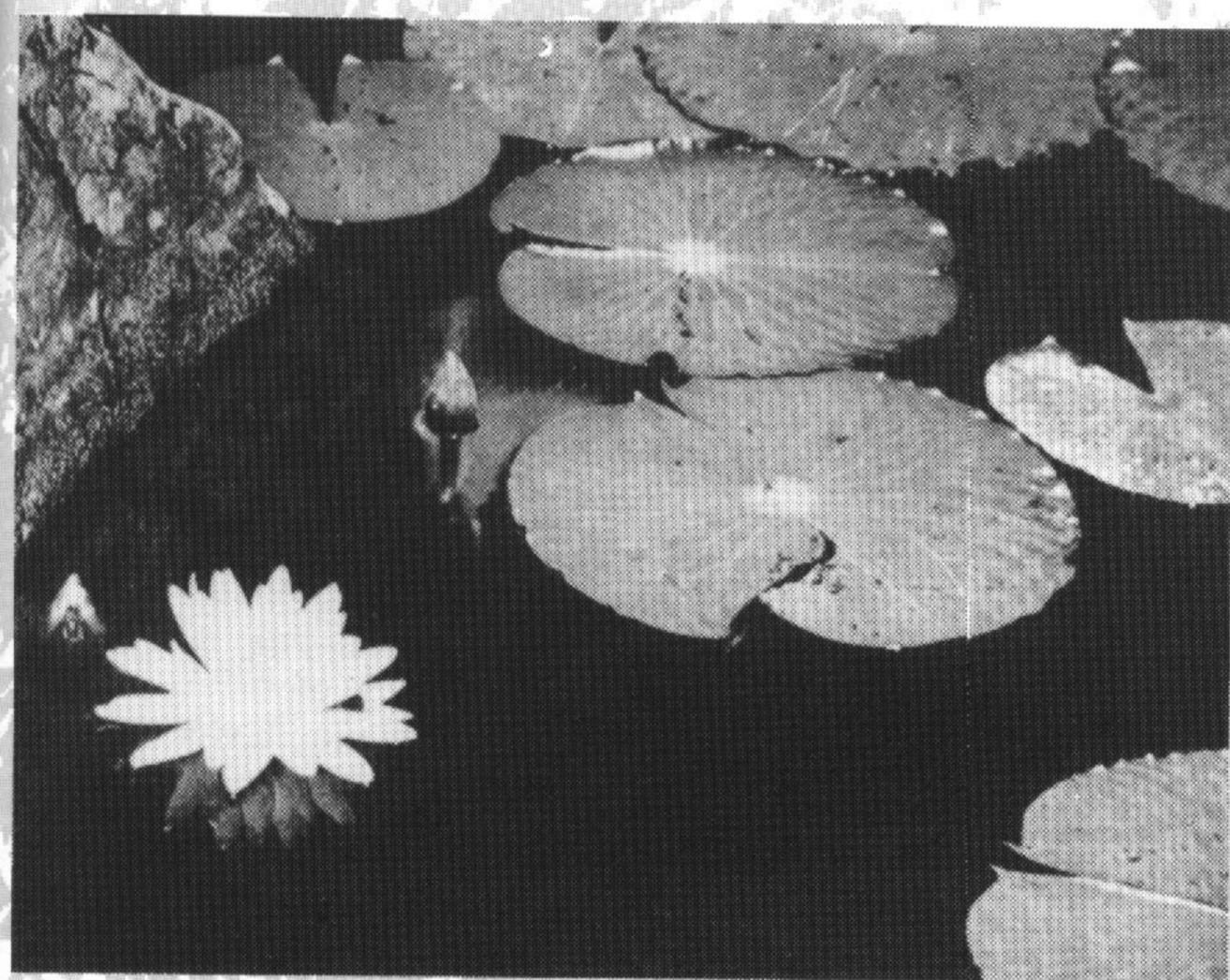


ALICE RUIZ S.

O caminho do hai-kai: corpo e espírito

ALICE RUIZ S.
é poeta, letrista e
publicitária. É, também,
tradutora e professora
de *hai-kai*. Entre seus
vários livros de poesia,
destacam-se
Vice-Versa
(Brasiliense) e
Desorientais
(Iluminuras, no prelo).





O CORPO DO HAI-KAI

O *hai-kai* tem sua origem no *tanka* ou *waka*, poema de 31 sílabas, composto de um *hai-kai* mais dois versos de sete sílabas cada. Eram compostos em *renga*, que significa “encadeamento de poemas”. Os seus mais antigos praticantes foram Kokushi e Ikkyu, ambos nascidos em 1271, ambos monges zen. De alguma forma, as duas últimas frases, ou versos, saíram, e nasceu o *hai-kai*, como o conhecemos até hoje, com pequenas alterações. Este *hai-kai* floresceu com todo o vigor no século XVII, com Bashô (1644-94), que dizem ter tido 3.000 discípulos, entre os quais 10 famosos. Entre seus continuadores destacam-se: Chyionni (1703-75); Busson (1716-83); Issa (1763-1827); e Shiki (1869-1902).

B

r

a

J

s

a

i

p

l

ã

o

11

Os primeiros haicaístas que se destacaram são do século XV, Sokan e Moritake, este último responsável pelo famoso *hai-kai*:

“Uma flor
que volta ao galho?
Ah! Uma borboleta”.

Poema tradicional japonês, essas três linhas de 17 sílabas, sendo 5 no primeiro e terceiro versos e 7 no verso do meio, é o menor poema do mundo, só perdendo para o epigrama, que não é poema.

Quem quiser seguir esta métrica rígida, bem no estilo oriental, deve lembrar que, no Japão, conta-se inclusive a última sílaba.

Alguns haicaístas brasileiros que não abrem mão desta métrica chegam a utilizar o recurso de transpor uma palavra para o segundo verso que, pela lógica do pensamento, pertenceria ao terceiro, a exemplo de Guilherme de Almeida, no *hai-kai* “Infância”:

“Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se ‘Agora’.

Nem sempre, no entanto, encontramos esse artifício sendo utilizado com esse brilho, e quase sempre ele leva a trair outra premissa do *hai-kai* que me parece muito mais importante: o papel que cada verso exerce dentro de um *hai-kai*.

- O primeiro verso exprime a permanência: a situação;
- O segundo verso insere o movimento: o elemento ativo;
- O terceiro nos dá a síntese da síntese: a percepção súbita, a conclusão.

AS QUATRO ESTAÇÕES

O *hai-kai* sempre faz alguma referência à estação do ano, mesmo sem nomeá-la diretamente. Flores, insetos, paisagens específicas que fazem alusão à estação estão presentes nos autênticos *hai-kais* zen. Embora não seja uma regra rígida, tem uma função de acordo com sua filosofia (passe a expressão) de retratar a natureza, mais do que isso, de estar perfeitamente integrado com ela. E traz, imbuído em seu sentido, uma referência direta à impermanência, às transformações e à profunda compreensão e aceitação

da transitoriedade.

No entanto, o *hai-kai* nunca será um pensamento sobre a natureza, as estações ou a transitoriedade, mas sim um retrato, uma síntese, um registro, uma constatação. Para isso é necessário que o haicaísta, como instrumento do *hai-kai*, tenha assimilado, não por vias intelectuais, mas tenha se imbuído completamente do seu espírito.

As fontes dessa poesia são: o aperfeiçoamento espiritual, a reconquista da espontaneidade e a intuição. Ou, nas palavras de Bashô:

“Quando o espírito está embebido de *hai-kai*, o sentimento interior se funde com as coisas exteriores para determinar a forma do verso e tão bem que o objeto é apreendido tal qual ele se apresenta, sem que a visão própria crie a menor divergência. Se o espírito, pelo contrário, não se depurou, a visão própria entra em ação e a pessoa tende a buscar a perfeição no arranjo das palavras. E isso constitui apenas a vulgaridade de um espírito que não se esforça para encontrar a verdade”.

KIGO E KIREJI

Paulo Franchetti, no admirável livro *Hai-Kai*, observa que algumas expressões referentes às estações se repetem de tal forma que vieram a se transformar em *kigos* (motes, marcações, cristalizações) como “manhã de primavera” - *haru no asa, aki no kase* -, “vento de outono”, etc., que acabaram se tornando estrofes. Outra marcação de corte de estrofe são os *kirejis*, para os quais não temos tradução, mas denota algum tipo de emoção.

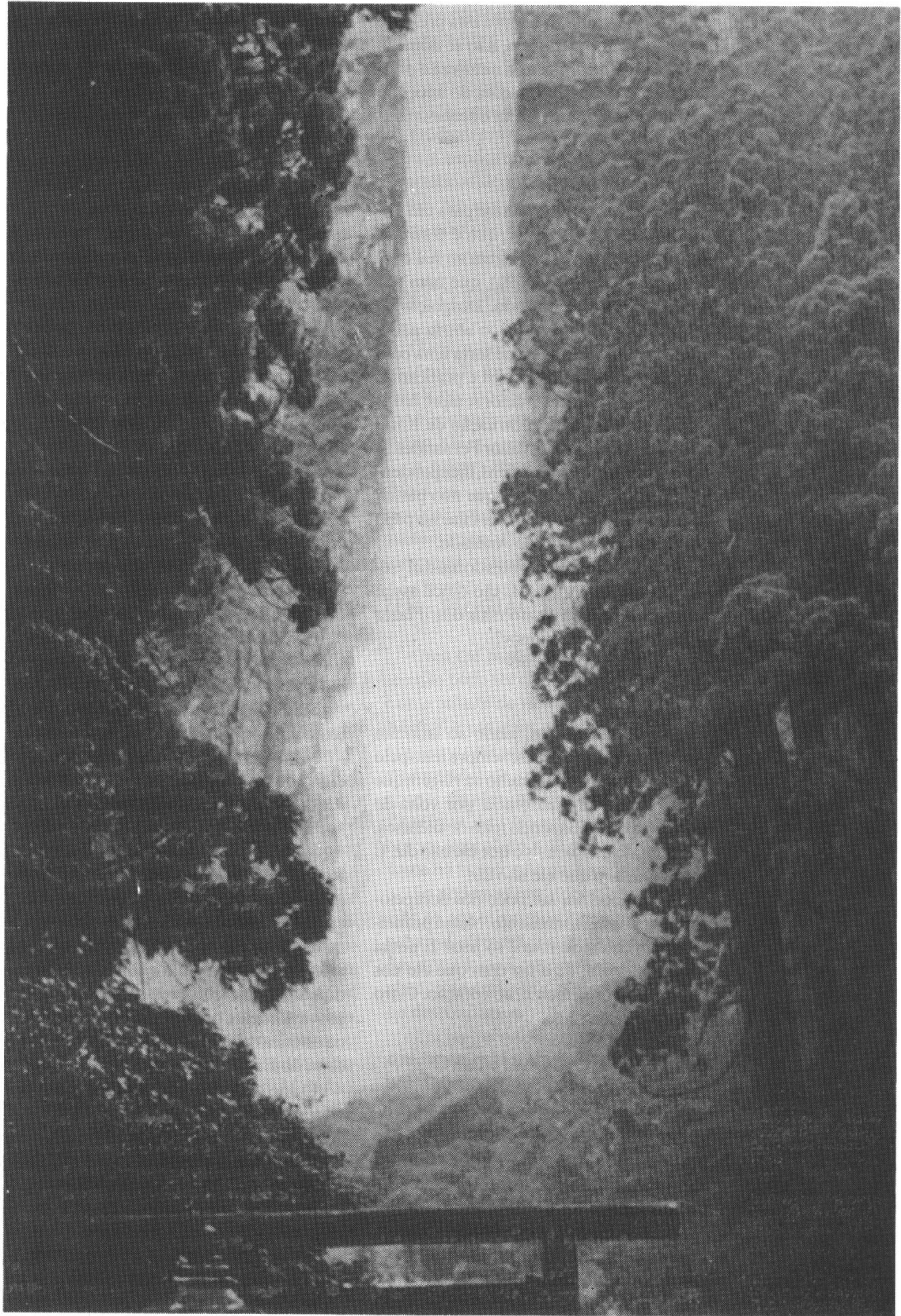
Kana - faz com que a palavra anterior seja vista como foco do poema.

Ya - suspensão do pensamento, dúvida.

Keri - indica que uma ação se concluiu.

RIMAS INTERNAS

Em japonês, *hai-kai* não tem rima, mas sim uma intensa relação, uma conversa muitas vezes onomatopáica entre as palavras. Os temas são sempre materiais e concretos, como na sua escrita, embora numa segunda leitura se possa encontrar o senti-



mento. O sentimento sempre está presente mas não fala de si mesmo, não se nomeia, são as coisas, a paisagem, a natureza e principalmente as quatro estações do ano, que falam, denunciam, sugerem o sentimento.

PRIMO POBRE

Vamos abrir um parêntese para um primo engraçado do *hai-kai*, que é o *sênriu*. Este nome é uma homenagem ao seu criador, Karai Sênriu (1718-90), que nem por isso ficou muito conhecido. Desgraças da graça. Humorado e crítico, o *sênriu* não é muito levado a sério (o que seria uma contradição) entre os estudiosos e praticantes do *hai-kai*. Mas, como humor sempre haverá, temos uma digna encarnação de Karai Sênriu entre nós que é Millôr Fernandes. E mais dezenas de poetas jovens, independentes, repentistas, marginais, que não param de fazer o *hai-kai* sorrir. Sem falar no papa deste *hai-kai*, Oswald de Andrade.

Aos sérios representantes do *hai-kai* "sério" fica uma pergunta: É tão difícil assim ser sério? Ou seria muito mais difícil fazer um bom *hai-kai* de humor?

O NÃO DIZER

Inscrito em diários, tendo ao lado um desenho ou pintura, quase sempre feito pelo poeta, o *hai-kai* mudou muito na viagem que fez ao Brasil, chegando aqui por volta de 1920. Mas continua sendo feito de silêncios, importando muito mais o que ele não diz. É fundamental o que ele não diz.

Um grande *hai-kai* pode nos decepcionar num primeiro momento. Numa primeira leitura dizemos: mas é só isso? E numa segunda leitura, algo faz com que ele nos salte aos olhos, à mente, ao coração. Claro como um relâmpago.

UM PASSADO COM FUTURO

O *hai-kai* está nos muros, em forma de grafite. Está nas camisetas. Está na arte postal. Está no *outdoor*. Está na holografia. Está no videotexto. Está no telegrama. Está no guardanapo.

Um *hai-kai* você diz rapidinho. Cabe em qualquer lugar. Porque é mínimo. E, por isso mesmo, imenso.

O *hai-kai* nasceu há tanto tempo e, no

entanto, este é o seu tempo. O tempo dos que não têm mais tempo. É assim que, com certeza, em tempos futuros ainda haverá tempo para o *hai-kai*.

CONCEITOS DA ESTÉTICA

Esses conceitos estéticos existem esparsos em vários livros sobre *hai-kai* e zen, e muitos deles foram reunidos em um ensaio de Paulo Leminski com o nome de *Ventos ao Vento*. Aqui, uma pequena síntese.

FU (RYU) - *Fu* significa vento (em chinês). *Fu-ryu* seria o fluir do vento e pode-se tentar traduzir por uma tendência, um estilo, um jeito de ser, uma elegância pessoal, um jeito de aparecer.

WABI - Significa literalmente pobre, mas como conceito significa gosto pelo simples, pelo tranqüilo, as coisas reduzidas ao seu mínimo múltiplo comum. No entanto, o esforço para atingir essa simplicidade, esse despojamento, não pode aparecer.

YUGEN - O vago, o nebuloso, o difuso, o MISTÉRIO. A essência profunda.

HOSOMI - Significa corte fino, como conceito se refere à agudez de corte no poema e nas suas estrofes.

SHIBUMI - Significa genuíno, verdadeiro, casto.

MIYABI - A graça harmoniosa, algo digno de ser visto, refinamento, elegância. Existe muita semelhança com o conceito de *fu-ryu*.

SABI - É algo como a cor do tempo. Refere-se mais a um estado de calma, de solidão, nostalgia.

KARUMI - Leve. Significa não pesar a mão, não deixar aparecer a arte na obra de arte. Fazem parte do *Karumi* os conceitos de *mu-ga*, "não-eu", e *mu-i*, "não fazer". São provavelmente os mais difíceis de assimilar na estética ocidental, toda centrada no conceito do Eu.

Como disse Paulo Leminski, encerrando seu ensaio:

"No terreno da criação artística, *mu-i* favorece a espontaneidade sábia, a entrega ao processo, a obliteração e anulação de um ego que *quer fazer algo*, dando lugar a um criar que se assemelha mais aos processos da natureza, num deixar-se ir, uma abertura. A obra é fruto de

conjunções e conjunturas que independem de um Eu que quer e, como quer, faz.

Disse um sábio chinês: *Faça as coisas como elas mesmas fariam, se pudessem*".

TRADUZIR O INTRADUZÍVEL

Um *hai-kai* é, antes de mais nada, um objeto estético. A começar pela caligrafia. Pela sua escrita ideogrâmica, representando, ainda que de forma estilizada, o objeto a que se refere. Então, um *hai-kai* não é escrito, mas "inscrito", como disse Paulo Leminski, ou "pintado", como diz Clínio Jorge, da direita para a esquerda e de cima para baixo.

Fenolosa, Vico e Emersom defendem a tese de uma linguagem original onde as palavras reverberam o halo das coisas. Como escrita, com certeza, o ideograma chinês-japonês cumpre essa função. E só ele, entre todas as escritas conhecidas.

Vico acreditava que Adão teria dado nome às coisas de acordo com sua natureza (linguagem natural, adâmica), que é o que a poesia busca.

Na escrita japonesa existe uma metáfora visual. Coração se escreve "como" é o coração, o que nos fornece, numa palavra, para quem sabe ver, uma etimologia visível.

Um pálido reflexo disso seria uma viagem pela raiz das nossas palavras. Conseguir enxergar "vir das estrelas" em desejar, desiderar, por exemplo. Mas ainda assim é um exercício da memória, da erudição, meramente simbólico.

Comparada à escrita japonesa, a nossa é prosaica, no sentido em que é transparente. A poesia existe na medida em que existe opacidade. Onde as palavras se ocultam por trás de outras palavras. A poesia só existe na relação dos substantivos, verbos, das palavras entre si. A forma como as palavras se inter-relacionam é que permite a abstração do pensamento. Metaforicamente.

Esta escrita japonesa, "natural", icônica e não-simbólica como a nossa, enfim, essa materialidade, permite que o pensamento atue com maior facilidade dentro das leis da natureza. E é exatamente isso que é intraduzível para a nossa linguagem.

Mas não fica nisso a nossa dificuldade para traduzir um *hai-kai*. A gramática

nipônica não deixa por menos, sem artigos, sem elementos de ligação como *mas*, *porém*, *logo*, etc.... Direto, conciso e ao mesmo tempo exigindo nossa participação para completar seus silêncios.

Traduzir um poema de uma língua para outra já implica no desafio de transpor valores estéticos além de pensar/sentir em outra língua. No caso do *hai-kai*, acrescenta-se outra escrita, outra filosofia, outra cultura e, por que não dizer, outro modo de ser.

ZEN - O ESPÍRITO DO HAI-KAI

O zen nasceu na Índia, provavelmente no século II, foi trazido para a China no século V por Bodhidharma (Daruma, em japonês) e chegou ao Japão no período Heian, século XII.

A palavra zen é derivada de *Tch'an*, em chinês, que, por sua vez, vem de *Dhyana*, em sânscrito, e significa meditação, mas uma forma muito específica de meditação. Aquela que representa o caminho para a iluminação.

ZEN - RELIGIÃO DA VIDA

Uma das manifestações do budismo, o zen não pode ser chamado de religião. Mas é uma atitude de vida de alta religiosidade. Não há Deus algum, apenas o estado búdico que existe em cada coisa viva. E Buda, como ele mesmo dizia, referindo-se a si mesmo, é apenas alguém que despertou. "A flor de lótus, que simboliza o budismo, é de um branco imaculado e de grande beleza, mas nasce na lama e não na água limpa."

Só podemos entender o zen como religião se nos ativermos a esta vida, terrena, palpável, efêmera, sem transcendência, apenas o que é, aqui e agora. Sem deuses e sem alma. Não essa alma que nós conhecemos, ou desconfiamos.

Em japonês, o ideograma para a alma é o mesmo usado para a mente. *H'sin* em chinês, *Shin* em japonês. Às vezes é usada também a palavra *Kokorô* (coração) para designar alma ou mente. Assim, alma, coração e mente se confundem e misturam. Como no budismo, corpo e "alma" são inseparáveis.

"- Mestre, pacifica minha mente.

- Coloque tua mente diante de mim.

- Mas isso não é possível.

- Pronto, pacifiquei tua mente."



Por mais adeptos que a catequese jesuítica tenha conseguido no Oriente, não conseguiu um só da seita zen.

É conhecida a história de São Francisco Xavier que, em conversa com o monge zen Ninshitsu, ficou sem palavras, quando o monge lhe perguntou que alma era essa que precisava ser salva, se ele, Ninshitsu, não tinha o menor conhecimento de possuir uma. Esse conceito isolado não existia e não existe para o pensamento zen. Sem almas para salvar, São Francisco Xavier fracassou em seu intento. E como estivesse por demais apegado à sua própria alma, perdeu a oportunidade de atingir a iluminação com esse *koan* de Ninshitsu.

O outro Francisco, o de Assis, poderia ter mais sucesso se tivesse ido catequizar o Oriente, pois tinha em comum com o zen o respeito por tudo que vive e também a não-aceitação da transmissão escrita da doutrina. Mas então não seria Francisco de Assis, esse nosso santo zen.

“O FIM DO ZEN É DESPOJAR AS COISAS DO ARTIFÍCIO QUE AS COBRE” (SUZUKI)

O zen é difícil porque é óbvio. Está tão colado em nosso cotidiano que não o podemos ver. Zen é comer quando se tem fome, dormir quando se tem sono. E a iluminação pode ser apenas nossos pensamentos cotidianos, depois que se sabe.

“- O que é o Tao?
- Caminhe.”

A compreensão do zen não passa pelo intelecto, mas pelo tecido da vida.

Não existe exatamente uma doutrina zen escrita. O que existe são 1.700 *koans* (do chinês *Kung*, público, e *An*, arquivo). *Koan* é uma piada/enigma, fora da lógica tradicional. Os *koans* são apresentados, dados pelos mestres aos discípulos para que estes meditem sobre eles até senti-los, vivê-los, incorporá-los.

SATORI = ILUMINAÇÃO = DESPERTAR

Falar sobre zen, conceituar, é perder o zen, porque tudo se move o tempo todo. Enquanto o intelecto procura assimilar, analisar, compreender o momento, este já passou. Tentar aproximar-se do zen é afastar-se dele. Nossa expectativa de entendê-lo é que nos impede de vê-lo.

Na história do zen houve um revolucionário, de nome Hui-Neng, que foi o sexto patriarca e deu forma atual ao *satori*, traduzido como iluminação para o Ocidente, mas que Buda chamava de Despertar. *Satori*, depois de Hui-Neng, deixou de ser conseguido aos poucos, mas é atingido de uma só vez. *Satori* depois de Hui-Neng é COMPREENSÃO SÚBITA. Foi ele também que mostrou que toda a vida é zen e que uma mente zen não hesita, não pára. Sua prática é na vida e no mundo.

Tendo vivido de forma zen no mundo, pode-se ser recebido num mosteiro, receber nosso KOAN, praticar ZA-ZEN, atingir o SATORI e... voltar para o mundo, porque não existe zen fora dele.

LARGA TEU PONTO DE APOIO

Todo o conceito de zen se origina em *Wu-Wei*, que significa “não-ação”, “vontade passiva”, “vazio pleno”. Esta não-ação não implica em não se mover, mas sim se mover de acordo com o Tao, com a aceitação do ilusório na vida e no próprio Tao.

Uma expressão oposta seria *Yu-Wei*, composta dos ideogramas *mão* e *lua* (tentar pegar a lua com a mão), a ação baseada na ilusão do poder, coisa aliás bem mais fácil de compreender no Ocidente.

Vivenciar o zen é ver nossos valores, padrões e critérios sendo demolidos, um por um.

Dizem que a *moralidade* acaba onde o zen começa. Não que o zen seja imoral ou amoral. Toda doutrina zen é rigorosa, mas nela moralidade é usada como serva e não como senhora. É usada, mas não nos dirige.

Assim também a *individualidade*. É preciso esquecer-se de si mesmo (sem esforço) e libertar-se dos seis agregados: forma, sensação, percepção, pensamento, vontade e consciência.

Para o zen, caminhamos envoltos em nossa própria sombra e ainda nos admiramos por estarmos no escuro. O Eu é a maior das ilusões, assim como a dualidade. Todas as coisas são uma só. O Um está presente em todos nós e fora do Um não existe nada.

Para entendermos o zen precisamos renunciar ao entendimento, renunciar ao Eu, renunciar à idéia de salvação, de iluminação, renunciar ao saber, renunciar ao pensamento de renúncia. Mantendo o espírito imóvel dentro do movimento, nos deixando levar como folha ao vento.

SÓ ENCONTRARÁ SUA VIDA AQUELE QUE A PERDEU.

ESTADOS DA MENTE PARA O HAI-KAI ZEN

Ausência do Eu - As coisas existem sem nosso olhar e é assim que devem ser olhadas.

Solidão - Pode acontecer no meio de uma

multidão ou não. O que importa é estarmos inteiramente sozinhos. Em si.

Grata aceitação - Mais que gratidão, aceitar tudo que nos vem, bom ou mau, de forma grata, é um longo trabalho.

Ausência de palavras - No sentido de economia. Nada que não seja necessário merece ser dito.

Não-intelectualização - Como, para o zen, o intelecto é um atravanco no trabalho, o *hai-kai* deve nascer, explodir, acontecer, ser visto, vivido.

Contradição - Resquício provavelmente dos *koans*, tudo que não for lógico no sentido tradicional pode ser um tema.

Humor - Os monges chamavam a si mesmos de “velha saca de arroz”. Buda também.

Liberdade - De todos os valores, de todos os apegos, ou de algum, pelo menos.

Amor - Pela vida e pela morte. Pela dor e pela perda. Pela lua e pelo mosquito. Amor dentro.

Coragem - De verbalizar o inverbalizável, de não ser lógico, de estar sozinho, de não intelectualizar, de ser contraditório. Tantas coragens.

Materialidade - Como na escrita japonesa, o *hai-kai* usa temas concretos, nunca abstratos. Mesmo que a mensagem (se é que se pode dizer assim) reflita um sentimento, o material usado é estritamente material.

Simplicidade - Explicar a simplicidade é como explicar o zen. Basta falar das coisas como elas são. Sem perfumar a flor.

Não-moralidade - Especialmente no sentido de não dar nota às coisas. Aceitá-las como são. Sem pré-conceitos.

ANTES DO ZEN AS MONTANHAS SÃO MONTANHAS, DEPOIS AS MONTANHAS NÃO SÃO MAIS MONTANHAS E ENTÃO AS MONTANHAS SÃO MONTANHAS NOVAMENTE.

Antes de Bashô, o *hai-kai* era apenas uma forma tradicional de fazer poesia no Japão. Mas, por volta de 1670, quando Bashô deixou de ser samurai, virou monge zen e caiu na estrada, o *hai-kai* passou a ser uma prática zen. Um caminho. Esses estados da mente nos servem de guia neste caminho. Antes deles nossos *hai-kais* são *hai-kais*, depois nossos *hai-kais* não são mais *hai-kais* e então os *hai-kais* são *hai-kais* novamente.